

As contribuições da Educação Cristã e da Diaconia para a formação teológica no contexto do Ministério Compartilhado

Resumo

(I) O texto é um convite a novos olhares, apresentando uma reflexão sobre a participação dos e das catequistas na Educação Cristã na IECLB. Iniciando com um passeio histórico sobre a formação e atuação dos e das catequistas, o texto apresenta o específico da Educação Cristã a partir da reflexão sobre o que é educação, como a Educação Cristã é abordada na Bíblia, a posição de Lutero e a atual situação dos e das catequistas dentro do contexto do Ministério Compartilhado.

(II) O olhar diaconal vem ajudar a formação teológica, no sentido de esta enxergar/olhar para o indivíduo como sujeito aprendente/integral que tem necessidades em todas as áreas. Se alguma coisa o impede de aprender, é necessário que se dê a devida atenção ao sujeito. Essa postura contribui para a formação de obreiros e obreiras como sujeitos autônomos e equilibrados. Se diaconia é método que vê o outro no seu todo, é necessário ressignificar a compreensão de formação teológica. E isso tem a ver com diálogo.

Resumen

(I) El texto es una invitación a “mirar con nuevos ojos”, presentando una reflexión sobre la participación de los/as catequistas en la Educación Cristiana en la IECLB. Iniciando con un paseo histórico sobre la formación e actuación de los/as catequistas, el texto presenta lo específico de la Educación Cristiana a partir de la reflexión sobre qué es educación, cómo la Educación Cristiana es abordada en la Biblia, la posición de Lutero y la actual situación de los/as catequistas dentro del contexto de Ministerio Compartido.

(II) La visión diaconal se presenta como ayuda en la formación teológica, en el sentido de ésta percibir/mirar para el individuo como sujeto de aprendizaje/integral con necesidades en todas las áreas. Si alguna cosa le impide aprender, es necesario que se le ofrezca la debida atención al sujeto. Esa postura contribuye para la formación de obreros y obreras como sujetos autônomos y equilibrados. Si la Diaconia es método que ve el otro en su totalidad, es necesario ressignificar la comprensión de formación teológica. Y eso tiene que ver con diálogo.

Abstract

(I) The text is an invitation to new ways of seeing, presenting a reflection on the participation of catechists in Christian Education in the IECLB. Beginning with a historical walk on the training and activities of the catechists, the text presents the specificity of Christian Education beginning with a reflection about what education is, how Christian Education is dealt with in the Bible, Luther's position and the current situation of the catechists within the context of Shared Ministries.

(II) The diaconal perspective contributes to theological training, because it sees the individual as a whole/learning protagonist who has needs in all the areas. If something impedes this individual from learning, it is necessary that due attention be given to this person. This posture contributes to the training of the church workers as autonomous and stable protagonists. If diaconia is a methodology that sees the other in his/her totality then it is necessary to put new meaning to the comprehension of theological training. And this has to do with dialogue.

I - Contribuições da Educação Cristã¹

Edson Ponick, Marta Nörnberg da Silva

1. Alguns passos comuns

Nossa primeira contribuição é uma pró-vocação. Enquanto nos preparávamos para a temática, perguntamos: como vamos fazer as pessoas perceberem que estamos falando de uma nova perspectiva? Por acreditarmos que é na vivência corporal que se aprende, chegamos à conclusão de que é preciso convidá-las a olhar para outro lugar, entrar por outra porta, sentar em outra disposição.

Olhar para outro lugar também significa olhar para o lado. Olhando para o lado, percebe-se que há outras pessoas caminhando com a gente. Ao percebê-las, podemos reconhecer estas pessoas como legítimas em suas idéias e seus ideais. E reconhecendo-as, certamente nos alegraremos com a possibilidade de poder aprender com elas.

A Educação Cristã caminha ao

¹ Aula inaugural do 1º semestre de 2002.

lado da formação pastoral há muitos anos. Segundo depoimento do Prof. Naumam, hoje em Ivoti, já em 1952 iniciou a preocupação com a formação de professores catequistas para o Ensino Cristão nas escolas e também nas comunidades.

Em 1966 a primeira turma de educadores cristãos iniciou seus estudos em Ivoti. Depois, surgiu o Curso Superior de Estudos Teológicos, em São Leopoldo; mais tarde, foi criado o Instituto Superior de Catequese e Estudos Teológicos; tivemos, então, o Instituto de Educação Cristã, em residência e em regime de férias. Finalmente hoje, encontramos o IEC dentro da proposta do Núcleo Teológico Comum.

Lembro de um encontro onde os catequistas, ao se apresentarem, diziam: Eu sou do tempo do... ENE; outro do CSET, outro do ISCET e assim por diante. Ao meu lado estava o Prof. Remí e ele disse: “Eu sou do tempo da Escola Normal Evangé-

lica de Ivoti; entrei lá em 1966”. Logo depois, eu me apresentei dizendo: “Eu também sou do tempo da ENE de Ivoti. Eu nasci em 66”.

Voltando aos primórdios da formação catequética, é bom lembrar ainda que entre os professores que ministravam aulas bíblico-teológicas estava também o diretor do Departamento de Catequese: primeiro o P. Paul-Gerhard Goetz e depois o P. Martin Reusch. Isso mostra que o Departamento de Catequese esteve ligado à formação catequética desde o seu princípio. E foi assim durante toda a história da Educação Cristã na IECLB. Até há pouco tempo uma das disciplinas do IEC em regime de férias era a Semana de Criatividade, promovida, organizada, elaborada e conduzida pelo DC. Não sei o que ela vale para o IEC hoje. Em todo caso, continuamos ocupando uma cadeira na diretoria do IEC, o que mostra que o vínculo continua presente.

2. O papel da Educação Cristã

Inicialmente buscamos um ponto de entendimento sobre o que é educação. Partimos da compreensão de que a educação tem uma intenção, uma finalidade, uma meta. A educação compreende a instrução e a transmissão de conhecimentos, a

formação e o desenvolvimento de cada indivíduo. Ela faz parte da recriação da vida e pode ser a vivência e a experiência de vida de uma pessoa, de um grupo, de uma cultura, de uma religião...

Sabemos que hoje há muitas dis-

cussões acerca do entendimento do que é conhecimento e do que é educação. Contudo, no curso desta reflexão, propomos olhar a educação cristã de um modo disciplinar, ou seja, como uma disciplina que tem objeto próprio: ensinar e educar na fé cristã.

Como disciplina/ente curricular, a Educação Cristã ocupa um lugar nos cursos de formação, nos vários níveis acadêmicos. Como prática educativa, Westerhoff define EC como “esforço deliberado, sistemático e continuado mediante o qual a comunidade de fé se propõe a facilitar o desenvolvimento de estilos de vida cristãos por parte de pessoas e grupos” (ap. *Teologia Prática no contexto da América Latina*, p. 248).

Ensinar o quê?

Ensinar os conteúdos da fé cristã, que é a fé em Jesus Cristo. Para fazer isso, ensinamos/estudamos, principalmente, o texto sagrado – a Bíblia – que compila e relata a forma como o povo de Deus tem vivenciado a sua educação na fé. Outro conteúdo de ensino é o conjunto de escritos confessionais luteranos.

Educar para quê? Educar para que as pessoas vivenciem em sua experiência cotidiana os valores adquiridos através do ensino/instrução.

Portanto, a educação cristã está inscrita e tem sua razão de ser e fazer na perspectiva da tradição. É tra-

dição porque tem como finalidade transmitir às gerações os princípios morais e éticos que sustentam a experiência na fé cristã, desde os nossos antepassados até o presente.

A palavra “tradição” no atual contexto assusta ou muitas vezes cria limites, impasses. Entretanto, resgatamos o seu sentido na própria escritura de um modo revitalizador. Lembremos que o cristianismo se constitui da e a partir da memória. Ao partir o pão e o vinho com seus discípulos, Jesus disse: *fazei isto em memória de mim*.

É através da educação, da instrução que também instrumentalizamos a geração vindoura para que possa educar-se e viver na fé cristã.

O Salmo 78.1-4 é um dos muitos textos que possibilita revitalizarmos o sentido construtivo da educação cristã como tradição. Vejamos os versículos 1 e 2:

– O primeiro versículo afirma a importância da instrução, do ensino. “Escutai, prestai ouvidos...”;

– Do segundo versículo destacamos a forma de como instruir, ou seja, mediante parábolas e enigmas do passado. Esta forma de instrução de antemão apresenta e contempla o reconhecimento da temporalidade do sujeito e do próprio conhecimento. Isto significa reconhecer a importância da nossa participação na história, através da nossa experiência de vida.

Deste modo, reconhecemos que fazemos e vivemos teologia desde a pessoa. Para isto reinventamos a perspectiva metodológica, buscando subsídios em outras fontes disciplinares: a Pedagogia, as Artes, a Psicologia, entre outras.

Ambos os versículos nos possibilitam compreender que educamos na fé cristã porque reconhecemos que Deus é Deus e é ele que age e nos educa.

Versículos 3 e 4:

– Afirmamos de geração em geração que Deus é Deus através do ensino e da instrução daquilo que constitui a memória da experiência de fé do povo de Deus, qual seja, Deus agindo no dia-a-dia. Uma mãe conta histórias bíblicas para o seu filho porque reconhece em sua vida a presença de Deus.

Os dois versículos apresentam o modo como somos educados na fé cristã: *ouvindo e aprendendo o que nos contaram*. Ao mesmo tempo vem a incumbência de não esconder, mas contar à próxima geração a sua experiência.

Na atividade da Educação Cristã podemos destacar uma preocupação pedagógica que está voltada para amparar a pessoa, durante toda a sua vida, e instrumentalizá-la dentro dos princípios da fé cristã.

A finalidade do ensino sempre é a de ensinar à geração vindoura os códigos, normas, valores e tudo o que constitui os contornos da cultura e as subjetividades de cada pessoa. A Educação Cristã, por sua vez, tem a mesma missão em relação à fé cristã, porque ensina como o povo crê, celebra e compreende a sua fé.

3. Educação familiar e continuada (Dt 6.20-21)

A Educação Cristã acontece em primeiro lugar no âmbito familiar. E ela acontece não através da formulação de tratados teológicos, mas através da vivência diária dos mandamentos e da narração da história da libertação do Egito. Resumindo Dt 6.20ss, poderíamos dizer: “Quando teu filho te perguntar, tu lhe contarás a história.”

Uma das contribuições da Educação Cristã para a formação teoló-

gica é esta: reaprender a arte de contar histórias. O Pastor Friedrich von Bodelschwingh disse: “A melhor pregação do Evangelho é uma história bíblica bem narrada.” E esta narração acontece em primeiro lugar no seio familiar. Portanto, um dos grandes desafios da Educação Cristã é motivar as famílias a voltarem a contar histórias a seus filhos e suas filhas.

Porém, não são só as crianças que necessitam de educação na fé. Lutero colocou, de forma bem pessoal, a importância que o conteúdo do Catecismo Menor teve para a sua vida:

Eu, embora velho doutor das Escrituras, (...) não compreendo ainda direito os Dez Mandamentos, o Credo e o Pai Nosso; eu não posso estudar a fundo nem aprendê-los totalmente, assim aprendo o Catecismo dia após dia e oro com o meu filho João e a minha filha Madalena.

Da afirmação de Lutero destacamos três aspectos relevantes para nossa reflexão:

1. “(...) embora velho doutor (...) não compreendo ainda direito (...)” A educação na fé requer um processo contínuo de ensino e aprendizagem que perpassa todas as fases do ciclo da vida: infância, adolescência, idade adulta e velhice.

O ensino e a aprendizagem na fé cristã não podem se resumir ao período que compreende o culto infantil, o ensino confirmatório até o culto de confirmação. A articulação de uma educação na fé é entendida como um *processo contínuo de ensino e aprendizagem*. Essa compreensão estava presente no surgimento e na

elaboração do *Catecumenato Permanente* (aprovado no IX Concílio Geral, realizado de 17 a 20 de outubro de 1974, em Cachoeira do Sul/RS). A tarefa de chamar as pessoas à fé não pode ser limitada a um período determinado, como se fosse possível *fazer formatura* em termos de fé. Nem pode ser algo estático, mas *um acontecimento de constante renovação*. Somos aprendizes constantes na fé (Martin Volkmann, Catecumenato Permanente).

2. “Aprendo dia após dia (...)” A educação na fé cristã é diária e constante. É no dia-a-dia que surgem as nossas inquietações, dúvidas, descobertas, tristezas e alegrias. Através do educar-se na fé, buscamos formas e alternativas que nos dêem condições para viver e compreender estas experiências conforme a vontade de Deus.

3. “(...) oro com o meu filho (...) e a minha filha (...)” Como já vimos, a Educação Cristã tem seu lugar privilegiado na família. Os educadores e educadoras cristãs têm a responsabilidade de despertar pais, mães, padrinhos, madrinhas, irmãos e irmãs mais velhos a serem testemunhas de sua fé em casa, através da oração, da leitura e da narração de histórias bíblicas.

4. A Educação Cristã no Ministério Compartilhado

O desafio da Educação Cristã não se limita a um elemento apenas, mas diz respeito ao conjunto dos elementos que a constituem: a concepção pedagógica e teológica, a história traditiva, a prática e a cultura religiosa da comunidade, a proposta eclesiológica e missionária da Igreja como um todo. Neste contexto, é necessário tirar conseqüências profundas da eclesiologia luterana fundamentada no sacerdócio geral de todos os crentes de 1 Pedro 2.9.

Na atual estrutura de Igreja que vivenciamos, as iniciativas têm se dado de forma setorial, seja pelos Sínodos, seja pelas instituições e departamentos da Igreja. Uma nova releitura do *Catecumenato Permanente* poderia nos ajudar a ver a Igreja como um todo e dar passos concretos na busca de uma Igreja mais solidária. Talvez seja o momento de criarmos, paralelo ao PAMI, um PACI – Plano de Ação Catequética da IECLB.

Creemos que está na hora de termos de fato um plano de ação catequética. A IECLB tem enfatizado há muito tempo apenas um aspecto da vida comunitária: o Culto Dominical. Estudantes de Teologia, professores e professoras sabem muito bem quantos créditos da formação teológica estão voltados para algum dos elementos ligados ao culto. As línguas,

a homilética, o culto cristão, a exegese e outras disciplinas se inserem neste propósito.

Reconhecemos que o culto é o encontro da comunidade com Deus e que, neste encontro, Deus serve à comunidade através da sua Palavra e da Ceia do Senhor. Porém, a comunidade é formada por pessoas que também se reúnem em grupos específicos (Culto Infantil, EC, JE, OASE, Grupo de Mulheres, PPDs, Legião Evangélica, Grupo de Estudos Bíblicos e assim por diante). E o culto deveria ser a reunião destas pessoas ou destes grupos.

Na reunião semanal desses grupos, grande parte do conhecimento adquirido na formação teológica voltada às questões do culto cristão não ajuda a coordenar, a capacitar e motivar o trabalho ali realizado. Nestes grupos não se pode fazer prédica. E aqui entra a grande contribuição da Educação Cristã. Nos grupos específicos da comunidade, desde o culto infantil até OASE, Legião Evangélica e grupos de Estudo Bíblico, é preciso ensinar, vivenciar a Palavra de Deus. Quiçá a Educação Cristã possa colaborar na formação teológica e na capacitação de lideranças capazes de estruturar, animar e liderar estes grupos.

O trabalho nesses grupos exige

uma metodologia diferenciada. Esta metodologia encontramos na ação catequética de Jesus, que foi um educador por excelência: exímio contador de histórias, ele partia de situações concretas da vida para ensinar. Ensinava curando, tocando, abraçando, falando, chorando, caminhando, comendo, bebendo com o povo.

Educação Cristã passa pelo corpo, deve ser vivida, experimentada. Lembro da Semana de Criatividade em Ivoti, levada a efeito recentemente. Quando, no último dia, fizemos uma retrospectiva, os conteúdos bíblicos eram lembrados a partir das dinâmicas e jogos vivenciados durante a Semana. Primeiro se falava dos jogos, depois vinham os conteúdos. Eles foram armazenados com o auxílio das vivências corporais, cooperativas, lúdicas e afetivas.

E confesso que me emocionei quando um senhor de 65 anos, que participou da Semana com sua esposa e sua filha, disse quase chorando: “Eu quero agradecer à Marta e ao Edson pela emoção, pela alegria e por tudo o que eu experimentei aqui.”

“Deixai vir a mim os pequeninos, não os embarceis.”

Quando ignoras minha presença, indiferente se venho ou não, se

isso pra ti não muda nada, tu me embaraças;

mas, quando vês que estou chegando e já de longe o teu sorriso acolhedor me dá boas-vindas, então me abraças.

Quando me sentas numa cadeira, comportado, às costas de uns, de costas para outros, tu me embaraças;

mas quando canto, brinco, corro em liberdade, tendo a ti e a meus amigos ao meu lado, então me abraças.

Quando tu queres que, passivo, apenas ouça, para exigir, logo depois, certas respostas, tu me embaraças;

mas quando aceitas descobrir comigo o mundo e me convidas para partilhar os sonhos, então me abraças.

Quando teu “não” é categórico e constante, como se tudo que eu faço te incomodasse, tu me embaraças;

mas quando vês minha inquietude com respeito, tentando ver o mundo do meu jeito, então me abraças.

Quando entre nós houver bem menos embaraços,

então, é certo: haverá bem mais abraços.

(Edson Ponick).

Concluindo

A Educação Cristã está aí, como sempre esteve ao longo da história da IECLB. Durante muitos anos ela foi colocada em segundo ou terceiro plano. Basta ver quantos catequistas trabalham hoje em nossas comunidades e o quanto temos lutado por reconhecimento na Igreja.

No entanto, estamos num novo tempo. E o Núcleo Teológico Comum quer/pode nos despertar para o trabalho em equipe, para a valorização de todas as pessoas e para o respeito

mútuo. Isto é indispensável para que o Ministério Compartilhado seja uma realidade na nossa Igreja. Fica o convite para continuar olhando ao nosso redor, procurar outras portas de entrada e de saída e ensaiar disposições renovadas não só de cadeiras e mesas, mas também de pontos de vista e de trabalho. Como catequistas, falamos com Tiago de Melo: “Não trazemos um novo caminho, mas um jeito novo de caminhar”.

Bibliografia

- BRAKEMEIER, Gottfried; VOLKMANN, Martin. Estatuto do Exercício Público do Ministério Eclesiástico. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo: EST/IEPG, v. 41, n. 1, p. 5-18, 2001.
- HARPPRECHT, Christoph Schneider (Org.). *Teologia Prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal: ASTE, 1998.
- VOLKMANN, Martin. Catecumenato Permanente: um desafio que permanece. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo: EST/IEPG, v. 34, n. 3, p. 205-218, 1994.

Edson Ponick e Marta Nörnberg da Silva

Departamento de Catequese
Caixa Postal 14
93001-970 São Leopoldo – RS
depcat@conex.com.br

II - Contribuições da diaconia²

Márcia Paixão

Diaconia = Fé e ação

É complexo dizer. É difícil medir. É bonito fazer. A teoria na prática é sempre difícil, ou a fé em ação é muito mais exigente. Mas não é impossível. Jesus deu exemplo de que não só se pode como também é imprescindível mostrar na ação o que se crê.

É exatamente no engajamento, na visão de Igreja e nos diferentes trabalhos que aparecem a fé, o testemunho e o modo de ver Deus de uma comunidade/instituição. Comprometer-se com Deus e ser sensível aos clamores ao nosso redor, portanto, é fazer diaconia.

Nesse sentido, vale lembrar o que disse Sebastião Gameleira: “Diaconia não é tarefa, pois nossa única tarefa é evangelizar, proclamar o evangelho por obras e palavras. DIACONIA é método, é o caminho obrigatório da Igreja de Jesus em tudo o que faz, pois Jesus é o Servo por excelência. Somos enviados/as – Missão – a evangelizar – Tarefa – mediante o serviço – Método” (Diaconia e prefecia, p. 214).

Penso que ajuda a ilustrar a con-

tribuição da diaconia ou o ponto de vista da diaconia uma passagem do romance do escritor português José Saramago intitulado *Ensaio sobre a cegueira*.

O escritor conta a história de uma epidemia de cegueira branca que aflixe toda a população, com exceção de uma mulher. A certa altura, quando reina o caos no mundo, a mulher do médico (que não está cega) conversa com a moça dos óculos escuros sobre a situação:

O que penso é que já estamos mortos, estamos cegos porque estamos mortos, ou então, se preferes que digas isto de outra maneira, estamos mortos porque estamos cegos, dá no mesmo.

– Eu continuo a ver.

– Felizmente para ti, felizmente para o teu marido, para mim e para os outros, mas não sabes se continuarás a ver, no caso de vires a cegar tornar-te-ás igual a nós, acabaremos todas como a vizinha de baixo.

2 Aula inaugural do segundo semestre de 2001 na EST, 01.08.2001.

– Hoje é hoje, amanhã será amanhã, é hoje que tenho a responsabilidade, não amanhã se estiver cega.

– Responsabilidade de quê?

– Responsabilidade de ter olhos quando outros os perderam.

A lógica do olhar está presente na ação diaconal. *Mas que olhar é esse?*

O olhar diaconal enxerga o desejo de autonomia, de desenvolvimento, de ser humano integral. **Sujeitos autônomos** são pessoas capazes de organizar suas vidas para terem atendidas todas as suas necessidades e, a partir disso, serem capazes de ajudar outras no processo de emancipação. O serviço diaconal possibilita às pessoas saírem do lugar que aprisiona para um lugar de bem-estar integral. Dependência não gera autonomia. Por isso, é necessário rever métodos de serviço às pessoas, pois, se estão dependentes de nossa ação, não são autônomas. **O sujeito de desenvolvimento** é o sujeito que construiu ou que está num processo de construção da sua emancipação e da liberdade de expressão – cidadania. É um sujeito aprendente – vai ficar inteligente, porque vai aprender. Então, incentivar as pessoas a fazer parte do seu processo de desenvolvimento, de aprendizagem e promoção social é um exercício constante e exigente para a diaconia. **O ser hu-**

mano integral é o sujeito dotado de corpo e alma e que tem necessidades físicas, espirituais, sociais e emocionais. Jesus olhou para a integralidade do ser humano quando exerceu seu ministério. Este todo (corpo e alma) precisa estar integrado e equilibrado para que a pessoa viva com dignidade e autonomia. Por isso, o olhar diaconal não mantém as pessoas num lugar de dependência e inferioridade.

A responsabilidade do olhar é permeada pelo cotidiano das pessoas. O cotidiano é algo em movimento, é um processo de cima para baixo, de baixo para cima. E é exatamente este movimento que desinstala e desassossega o discurso teológico pronto, enformado – mesmo processo de espiritualidade para todas as pessoas, mesmo jeito de ler e interpretar a Bíblia. O cotidiano desafia a Missão, a Tarefa e o Serviço. As vivências do cotidiano exigem dos obreiros e obreiras um processo contínuo de aprendizagens, porque o processo de aprender pressupõe pergunta (sobre o que estou fazendo, como estou fazendo, o que é necessário mudar...), reflexão e diálogo – desejo de aprender! Somos eternos aprendizes, como diz a música do Gonzaguinha. Movimento constante! O contrário disso é a mesmice: mudar nomes, mas não conteúdos. “Sempre foi assim, por que mudar?...”

Mas a responsabilidade do olhar e a exigência da ação fazem com que a diaconia se envolva diretamente com o ser humano. Seu olhar é integral, pois acompanha o movimento das pessoas. O cotidiano aponta os desafios do serviço. A pergunta leva à reflexão de como dar significado ao evangelho – concretizar o evangelho de uma forma que as pessoas entendam. Rodolfo Gaede, quando escreveu sobre Diaconia e Teologia da Libertação em dezembro de 2000, disse que a “teologia é a reflexão crítica a partir da prática e visa confirmar ou renovar a prática a partir do Evangelho.” Cotidiano e evangelho, fé e vida andam de mãos dadas. A reflexão teológica, para cumprir sua tarefa de dar significado relevante ao evangelho para as pessoas, precisa olhar para a prática, para o cotidiano das pessoas.

Nesse sentido, pode-se dizer que a teologia diaconal é interdisciplinar. As necessidades das pessoas exigem que a diaconia dialogue com outros saberes para encontrar formas de transformar a realidade e resgatar a dignidade. A diaconia é um dos jeitos de evangelizar. A diaconia baseia-se na ação e reflexão de Jesus, e Jesus mesmo mostrou a importância da responsabilidade do olhar. Jesus nunca exigiu mais do que as pessoas podiam fazer. A forma ou o método de Jesus para atingir o seu objetivo de

evangelizar foi o de uma teologia da margem: ele andou com pecadores, conversou com mulheres, curou, fez milagres, falou de teologia com fariseus e escribas, falou do Reino de Deus através de parábolas. Isso nada mais foi do que uma teologia da margem, pois ele cumpriu com sua tarefa indo pela margem, pelo cotidiano. Ele se aproximou das pessoas e entendeu seu contexto. Inculturou-se. E é nessa lógica que a diaconia se baseia para cumprir sua tarefa de evangelizar. A linguagem diaconal precisa ter significado para poder transformar. Conhecer o contexto das pessoas, criar vínculos é fundamental para a linguagem ter sentido.

A contribuição da diaconia, seu ponto de vista, transita pela lógica da responsabilidade do olhar.

A pergunta para o contexto de formação é se estamos dispostos a refletir simetricamente a partir do ponto de vista da diaconia, da educação cristã e do pastorado. Se diaconia é método que vê o outro no seu todo, é necessário ressignificar a compreensão de formação teológica. Ressignificar tem a ver com o diálogo, deixar-se inquietar, aprender, mudar posturas e modos de fazer. A Diaconia como método não ocupa o lugar do outro, mas faz com o outro. O poder que a Diaconia busca é aquele que Jesus estabeleceu: quem quer ser grande que primeiro sirva. Na Igreja,

se não é serviço, não é poder legítimo: é despotismo, autoritarismo. Onde esse poder vigora, onde vinga a hegemonia de um ministério sobre o outro, de uma teologia sobre a outra, de um olhar sobre o outro, ali reside o medo do diferente, do outro olhar, da outra teologia. Quando há medo, não há diálogo, não há complementaridade, nem abertura para aprender.

A hegemonia de um saber, de um jeito de fazer, de um ministério ao longo da história, ao longo do tempo, traz prejuízos para essa relação entre teoria e prática, teologia e serviço. O arejamento para a formação teológica acontece através do olhar ressignificado.

Nesse sentido cabe a pergunta para a formação: o aprendente teológico é visto na sua dimensão integral? O exercício de ensinar ajuda o sujeito aprendente de Teologia (estudantes dos cursos de Diaconia, Educação Cristã e Pastorado) a compreender sua tarefa como futuros obreiros e obreiras da Igreja e a apreender conceitos teológicos?

O olhar diaconal vem para ajudar a formação teológica, no sentido de enxergar/olhar para o indivíduo como sujeito aprendente/integral que tem necessidades em todas as áreas. Se alguma coisa o impede de aprender (aprender vai além da “boa nota”), é necessário que se dê a de-

vida atenção ao sujeito. Essa postura contribui para a formação de obreiros e obreiras como sujeitos autônomos e equilibrados.

Para refletir simetricamente é necessário conhecer a história dos ministérios ordenados. É necessário rever conceitos, discursos teológicos, olhar o lugar que cada ministério ocupa na Igreja, refletir sobre o exercício do poder e estar disposto e disposta a aprender do outro ministério. Além disso, é fundamental esvaziar-se do preconceito de clero maior e menor e de que o primeiro exerce poder sobre o segundo. É necessário esvaziar-se, também, das sutilezas da exclusão, que passam pelo espaço dos ministérios no todo da Igreja, nas relações de gênero e na cumplicidade do poder. Os ministérios são diferentes, e diferença não é a mesma coisa que desigualdade. Aliás, a diferença deve contemplar um espaço para o específico, pois o espaço dá abertura para a troca enriquecedora. A troca permite complementaridade. Essa é a lógica da contribuição dos ministérios: complementar-se para que, juntos, cumpram a tarefa de anunciar o Reino, numa palavra: evangelizar.

Nessa mesma linha, vale a reflexão para o ministério compartilhado. Nós, obreiros e obreiras, não somos donos das comunidades ou instituições onde exercemos nosso ministé-

rio, e nem temos o dever de saber tudo. Pessoas autônomas e equilibradas não precisam usar da auto-suficiência para manter seus empregos na Igreja. Onde há autonomia, não há auto-suficiência.

Para cumprirmos a incumbência de Jesus de anunciar o Reino de Deus precisamos dos diferentes ministérios e da contribuição dos membros das comunidades. Nossa tarefa é fortalecer a espiritualidade da comunidade, desafiá-la a servir ali onde as necessidades estão. Os diferentes

dons e saberes devem estar a serviço do Reino. Isso nos alivia de sermos considerados/as como Bombril: mil e uma utilidades. Não é nossa tarefa fazermos tudo sozinhos/as. Liderança na comunidade é serviço. Exercer o ministério (diaconal, catequético e pastoral) é, antes de tudo, serviço. Obreiro da igreja é o que serve, não o que manda.

Meu desejo é que Deus nos dê sabedoria e humildade para exercermos o que nos cabe.

Bibliografia

- BEULKE, Gisela. *Diaconia em situação de fronteira*. São Leopoldo: Sinodal/Centro de Estudos Bíblicos, 2001.
- GAEDE NETO, Rodolfo. *Diaconia de Jesus*. São Leopoldo: Sinodal/Centro de Estudos Bíblicos; São Paulo: Paulus, 2001.
- PLETSCH, Rosane. *Diaconia feminista: uma ressignificação do conceito de servir*. São Leopoldo: IEPG, 2001. (Dissertação de Mestrado).
- SOARES, Sebastião G. Diaconia e profecia. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 39, n. 3, p. 207-230, 1999.

Márcia Paixão

Escola Superior de Teologia
Caixa Postal 14
93001-970 São Leopoldo – RS
marcia@est.com.br